

1. Reporter.

"REPORTER X."
SEMANARIO
DE
REPORTAGENS
L. COELHO, 1109
R. C. S. 3.
1950

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

6 de Setembro de 1950

Numero 5



Ler o artigo: **CONDENADOS A MORTE: (Recordando a revolução mexicana)**

1.º—A execução de um sacerdote catolico. 2.º—O general Luejano, segundos, antes de ser fuzilado, dizendo o ultimo adeus. 3.º—O fuzilamento do general Luejano



O telefone automático

Que acaba de ser inaugurado
em Lisboa e ficará, sendo dum
funcionamento ideal.

As tarifas são as mesmas do
sistema manual.



Serviço perfeito e rapido

Para que o publico conheça bem
a maneira como deve manejar o
novo TELEFONE AUTOMATI-
CO, a Companhia montou dois
postos de exemplificação, onde,
em cinco minutos, todos ficam
aptos a falar pelo novo sistema
automatico.

OS POSTOS DE EXPERIENCIA SÃO:

na Rua Nova da Trindade, 43

e na Rua da Conceição, 153

Lisboa

Pedir o livro gratis:

COMO USAR O TELEFONE AUTOMATICO

THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.^o, L.^{td}

W.S.O. RADIO SENSACIONAL

O GRUPO DOS ONZE NO ESTORIL



membros que não seriam de todo perigosos porque—como se desprendera do decurso desta notícia—não eram absolutamente viris. Uns ainda imberbes, outros já durazios, como o chefe de uma estação daquela linha, conjuraram-se para a prática inocente de várias loucuras. O Grupo dos Onze fazo também se denomina em inglês "Roths Club", compõe-se de pessoas de boa sociedade, admitindo excepcional-

mente, no seu Vestibulacalendador, dois ferroviários: um chefe e um factor. A policia, que os apañou com a boca na botija, multou-os e mandou-os em paz, com um gesto negligente, porque compreendeu que aqueles estranhos conjurados eram victimas dos péssimos exemplos que certo príncipe espanhol ali dera em tempo, com tal espalhafato e escândalo, que forçou as autoridades portuguesas a expulsão do nosso país. Foi-se o príncipe, mas ficaram onze sementes prometedoras.—D. M.

A ÚLTIMA DECISÃO DE M. ME O. R.



Na 5.ª feira passada, numa casa de chá de frequência selecta, como se diz nos annuncios, M. Me O. R. de O. R., casada o ano passado, com fotos nas revistas illustradas, falava

ao telefone sem abimolar a voz, deante de toda a assistência. O successivo das conversas extinguiu-se por encanto. Eis o que todos escutaram e que ella não se preoccupou em occultar: "Não! E' excesado insistir. Mandar buscar as tuas cartas e o "saco" dos "souvenirs"! Não! Já disse que não! Não é por nada! E' que resolvi comecar a gostar do meu marido a partir do proximo mês de setembro."

OS BRINCOS DA POETIZA



Conta-se a historia do "casaco de pelis rifado" como succedido a um certo director de banco "aristo". Não foi. O caso deu-se com o director da Companhia Z... e o "monoculudo" e janotissimo Dr. M. de T. S. que acaba de escorregar, noutra plor. E' que a esposa faz anos a 20 de Agosto; e a amante que é poetiza—quiza "rimar" com as datas e resolveu fazer anos no mesmo dia. O pobre deu-

tor teve a ingenuidade de assinalar os brincos de safiras que a esposa lhe pedira; e logo a amante lhe exigiu, para a mesma solemnidade outros brincos de diamantes. Mas ele sempre na sua troca os brincos; e para cumulo a poetiza, que visita de casa e fora, convencia a passar a noite com elle, apresentou-a esposa com os brincos que esta havia apetecido. Fulano já em divorcio. E' mais uma bela aventura para a "afilhada das musas".



Fulano está sendo um verdadeiro "S. Sebastião" de todas as plaidas venenosas de café. Desde que está em prezo por motivos occurrentes, os invejosos do seu relativo triunfo não o largam. A ultima é atribuida ao proprio medico de Fulano. "Sabem vcedes?—declarou este a um grupo de amigos. Até aqui bastava me a minha especialização clinica em enfermidades do sangue; desde que trato de Fulano—sinto a necessidade de tirar o curso de dentista."—C. C.

BOA BOCA



Ainda a respeito de Fulano. Foi num banquete de homenagem recetido. Todos censuravam a "menina" que era detestavissima Fulano que o aduava esplendide—declarando: "Eu cá tenho muito boa boca". Gargalhada geral, escarlatando-se as faces de Fulano.—C. C.

S P O R T

Factos "reporterxizados"

por Teixeira Junior

Os que vivem para o Sport e os que vivem do Sport—O homem dos sete instrumentos—Honra e proveito—Honra e Cobardia

Vive-se numa época de reboliço. Com a electricidade acabou a noite; as tabletas têm que ser bem legiveis, para que ninguém se engane. E' preciso "iluminar" ao publico tudo quanto de escuro se apresenta nesta sociedade mal constituida; batista de novo os individuos—dar-lhes o verdadeiro nome.

Desde o muito que en ambicionava por a claro certas ilegalidades cometidas nas varias modalidades de sport; mas a falta de um jornal apropriado fez gelar dentro de mim essa vontade. Hoje, com espaço á minha disposição, vou tentar, ainda que isso custe a muita gente, aos que estão nos altos domínios do Olimpismo sportivo... Há quem viva para o "sport" e tambem conheço mui-

ta gente que vive do sport; estes são os que apregoam o "amadorismo" ao ribomar do champagne e com charritos de palmo, na mão, á laia de "cassette", os peitos cravejados de condecorações, arranjadas com o esforço dos que lhes servem de degrau. Aqueles—os outros—coitados, não podem, requerer, exigir o pagamento dos seus salários—não se lembrando os que mandam, que com algumas faltas ao trabalho, os praticantes dos "sports", muitas vezes, desorganizam a sua vida para o futuro. E, todavia, eles vão lutando, deixando-se dominar sem conhecerem a sua força—não se emancipam não reagem contra a tirania dos "souteneurs" do Sport. Estupidez? Comodismo? Não. Não, tem

quem os usa a expulsa de uma vez para sempre esses tiranetes verdadeira tuberculose do sport.

O HOMEM DOS SETE INSTRUMENTOS

Todas vezes que folheio um jornal e consulto a secção sportiva, costumo ler com attenção os comunicados das Associações e Federações das varias modalidades, que tornam publico a constituição dos seus corpos gerentes; já bastante intrigado, e não sei porquê, formulo perguntas a mim proprio:—Porque é que Fulano está tão estreitamente ligado a quasi todas modalidades de "sport"? Penso na minha propria imaginação e não encontro resposta satisfactoria. Conheço Fulano, esse persona-

gem decorativo, de todos os scenários "sportivos" e não lhe reconheço intelligencia nem utilidade qualquer competencia para arcar com tantos cargos; mas como a vaidade humana é infinita, este satisfaz a sua arranjando lugares d'honra no "Sport"... mas para mal do sport. Com que fim? Deixo ao leitor a decifração: E' quasi calvo, e em actos solenes meteo monoculudo...

HONRA E PROVEITO

Estava na "Brazileira" a saborear um café juntamente com um amigo e conversavamos sobre a vida dos varios clubs: "actualidades" financeiras desportivas. Depois de varios comentarios, o meu companheiro

A' LA CHARGE

A multidão e o elefante-polícia

As várias fórmulas policiais empregadas contra a multidão revoltada — e o paquiderme que a polícia de Buenos-Ayres adestrou para seu serviço

Entre muitos problemas que as grandes cidades modernas oferecem ao estudo dos que governam — eles existem e tão emaranhados que ainda não conseguiram uma fórmula que os resolvesse. Referência nos ao da «circulação» e ao da «multidão». Lisboa e Porto, com os seus 700.000 e 250.000 habitantes, respectivamente, e os seus poucos milhares de autos, carros e «táxis» não podem visio-nar que será o problema da circulação em Paris, Londres, Berlim, Ne-York, etc., com 3, 6, 2 e 5 milhões de habitantes e 300, 300 e 400.000 veículos rodando inintermitentemente pelas ruas, e todos mais ou menos apontados aos centros dessas cidades. Sinais eiro múltiplo, em todas as esquinas; torres luminosas, apitos, etc. — não bastam... A certas horas do dia, todas as principais artérias se congestionam de autos em fileiras tão cerradas que formam um só corpo intermiável; e entre estas fileiras e os passeios não fica e espaço para uma folha de papel. O menor descuido — basta para produzir um «engarramento»; e este repete esta imediatamente um novo por tal forma empenhado que são necessárias muitas horas para liquidar. O chefe dos serviços de circulação de Paris leblou há meses que um engarramento, consequente do choque de dois automóveis a meio de uma rua e treita, que é a Rua de Montmartre, produzida às 17 horas, fez paralisar a circulação até as portas de Paris, em Vaugirard às 17 e 8 minutos. Quer dizer que em 8 minutos reflectiu-se automaticamente esse engarramento a uma distância maior ainda do que a que separa o Rio de Janeiro ou a Praça da Batalha de Monte dos Barges!

O problema da «multidão» embora menos frequentemente aguçado não é mais suave. A multidão, essa é tão combustível como petróleo; qualquer coisa a inflama, a agita, a convulsiona; e não é possível possuir-se um exercito permanente dentro da cidade; pronto a uma inesperada fúria da multidão. Quando foi o caso de Sacco e Vanzetti, a multidão que produziu aquela memorável tempestade compunha-se

de 500.000 pessoas! Portanto a defesa humana contra essa multidão é insuficiente — por mais numerosa que seja a polícia. Hoje usa-se da agulheta, ejaclando água fria... ou quente; do carro de assalto, do aeroplano, do bombeiro, dos gases asfixiantes (usados a Inglaterra na Índia) etc., etc., como sistemas de acalmar e dispersar a multidão. Mas como o dever policial é de limitar ao mínimo o sacrificio de sangue — a polícia argentina apresentou uma novidade inofensiva e de grande efeito. Foi há poucas semanas — numa manifestação contra o governo composta de

mais de 20.000 indivíduos. Quando os manifestantes desembocaram na Plaza de Mayo eis que contra eles avançou um elefante. A surpresa foi por tal forma desconcertante que o paquiderme, com algumas trombadas, menos perigosas do que as balas e do que os gases asfixiantes, dispersou a multidão numa fuga precipitada por todas as ruas vizinhas. Já tinhamos a mulher policia e o cão policia. Faltava-nos... a policia-elefante.

SEM PAVOR.



O mais original processo de dispersar a multidão. A policia de Buenos-Ayres lançou um elefante adestrado, no dia 11 de Maio ultimo contra uma manifestação

survou-se e cochichou-me no ouvido: «Vês aquele individuo que acaba de entrar?» — «O d'cnos?» — perganteei. — «Sim. Esse mesmo... É Beltrano! É aquele de quem estamos falando quando te entraste o tal que, segundo ouviste dizer, mandou construir uma casa à custa do «football! Não desconhecia o caso — mas desconhecia o personagem. O que me produziu verdadeiro pasmo foi ver que à sua entrada, acercando-se elle duma das mezas cujos clientes tão violentamente o tinham criticado e saudavam com uma cordialidade risonha e servil! Fiquei com a impressão que todos esses desportistas eram capazes de fazer o mesmo...

CASTIGADO SEM RAZÃO

O simpatico Julio Dias foi

castigado pela direcção do seu club por não se acobardar a um insulto. Historiemos o facto: Estava seleccionado para disputar 5 provas no Porto-Lisboa em atletismo; mas por causa do esforço que dispendera nos «nacionais», não se sentia com reservas para uma só prova imediata. Mas os amigos do club queriam a todo o transe vê-lo correr. — «O Dias ganha sempre, dizem todos em coro». Redobram os pedidos e o Dias comparece para a disputa da pri-

meira prova. Uma distensão e... o abandono da prova. O treinador aparece e Julio diz-lhe: «— Viu a linda figura que V. me obrigou a fazer?» — E o treinador, numa furia de «domesticador» cuja fera desobedece ao seu chicote responde-lhe: «Imbecil! Se não fosse porque... Mas ande lá que não as perde!» Julio Dias contestou à letra. E passado pouco tempo os jornaes davam a noticia do castigo aplicado ao melhor atleta portuense pela direcção do seu club. O

sport não é uma escola de cobardes e Julio Dias fez bem em demonstrar que o não é; provando com nobreza que não sabe só correr; tambem sabe defender a sua dignidade...

O castigo aplicado ao recordman dos 400 metros é ser injusto. Não creio que para se ser um bom «sportsman» seja preciso ser cobarde...

Teixeira Junior

Venham nomes?

Lêr no proximo numero

revelações sensacionais



Um bairro chinês em Lisboa

A colônia amarela de Portugal, a sua história, o seu crescimento, o seu valor e o seu futuro

AS «CHINA TOWNS» DE S. FRANCISCO E DE PARIS - A EXPORTAÇÃO DE CADAVERES E OS COELHOS DA ILHA DA MADEIRA—COMO SE MULTIPLICAM OS CHINESES—O ÓPIO E AS ASSOCIAÇÕES SECRETAS—UMA REPORTAGEM

DE KESSEL AO BAIRRO CHINÊS DE BILLANCOURT

Foi logo no princípio da Guerra que começaram a sirandar pelas cidades portuguesas os primeiros grupos de chineses, acaravannados por misteriosos chefes e que impingiam ao público como pechinchas... da China artigos «made in Germany»... Durante uns anos estes asiáticos vinham e desapareciam, em periódicas revoadas, despertando a pasmeira da garotada e os protestos dos concorrentes. Uma vez, intrigados pelo enigma da existência desses nômadas amarelos, descobrimos-lhe a pouso-ada, para as bandas do Terreiro do Trigo e conseguimos invadir a mansarda de uma hospedaria infame onde mais de meio cento de ambos os sexos e de todas as idades, dormiam, comiam—ouviam—numa perniciosa primitiva e num ambiente fétido. Pouco a pouco foram diminuindo os períodos da ausência e aumentando o número dos parias não se contentando já com o mercado das ruas de Lisboa e Porto—mas sim espraiando-se por toda a província. Por último—fixaram-se. Desde 1926 que não só não abandonam o país, como engrossam continuamente as suas fileiras, com remessas humanas que chegam—como os primeiros chegavam: sem que se saiba como nem donde...

Foi preciso a tragédia do Hotel Franco, há quatro anos, para que nós, portugueses tivéssemos a impressão de valor numérico dessa colônia estrangeira e exótica, nascente. Uma bela manhã apareceu quasi agonizante, empapado no seu próprio sangue e com o crânio fendido, um dos chineses mais categorizados da colônia. A polícia fez prisões, interrogou, souou—o mistério nunca se esclareceu. Mas o detalhe mais enigmático desse episódio é que ainda os jornais da noite não se tinham referido ao crime e já de todos os comboios chegados do Rio de Janeiro desembarcavam ranchadas de vinte e trinta chineses, vindo não se sabe donde, prevenidos do sucedido não se sabe por quem.

Os hotéis encheram-se de cidadãos—e cidadãos amarelos. Alguns formavam elegantes casais, bem enjoados. Onde estavam metidos? Onde se ocultavam? Que papel representavam na nova colônia? Nunca se apurou...

Nessa ocasião tentamos uma reportagem sobre a matéria. Conseguimos saber que o crime do Hotel Franco reünira em Lisboa perto de 900 chineses—que «viviam em Portugal». E viviam como? De vender bugigangas?

Como se multiplicam os chineses

A colônia chinesa continuou a dilatar-se depois desse folhetim—que a polícia arquivou sem ter lido o seu segredo. Contam os cronistas que os primeiros marantes que, busselados pelo sômb de S. Agostinho, descobriram a ilha, depois cognominada, da «Madeira» deixaram por capricho, ao partir, um casal de coelhos entre a verdura congelada daquela terra. Quando, pouco depois, de regresso doutras aventuras, tocaram de novo na ilha, constataram, pasmados, que ela estava assenhoriada por milhares de coelhos.

Os chineses assestam-se muito aos coelhos. A fertilidade de suas mulheres atinge um tal exaço que basta uma estatística para se compreender a lógica dos que proclamam o «perigo amarelo». E essa estatística é oficial—foi elaborada pelo Município da cidade de S. Francisco, e publicou-a o Chicago Tribune de Paris, no dia 25 do mês passado. A emigração chinesa para a Califórnia metodou-se a partir de 1902. Nessa época as notas de imigração registavam a existência de 5.000 chineses apenas em S. Francisco. De 1902 a 1923 os grandes transportes marítimos do Pacífico «despejaram» na mesma cidade cerca 350.000 chineses amarelos. Todo o chinês que morre fora do Celeste Império e que não é se-



EM CIMA: Hong Lung, chefe de uma associação secreta de estudantes chinses em São Francisco da Califórnia—EM BAIXO: aspecto da cidade chinesa em Paris

pultado em terra pátria não entra depois nos paraisos da Eternidade. Esta crença absoce-os por tal forma que se organizaram empresas de «Seguros de Morte» que se comprometem a conduzir, a enterrar na China os cadáveres de todos os chineses falecidos na Califórnia e que, durante a vida, tenham pago um prêmio mensal. A colônia inteira se segurou, para a garantia da alma. Todos os meios partem de S. Francisco com rumo aos portos da china vapores enormes com os porões a transbordarem cadáveres dos «segurados». Segundo a contabilidade dessas empresas, durante esse período faleceram 280.000 chineses! Além disso há um registro de 25.000 chineses que regressaram à pátria... em vida. Pois bem. Feitas as contas a colônia devia estar reduzida a pouco mais de 150.000 chineses. E não está! O Município de S. Francisco afirma que só na China-Town, o bairro dos chineses, vivem 650.000 amarelos!

Paris, que ainda antes da guerra, contava apenas com dois milhares de chineses na sua imensa colônia cosmopolita—é hoje todo um bairro dominado pela colônia amarela: Billancourt. E o grande reporter Kessel, num artigo a que já nos referimos, quem o desbrubre, e descreve e revela os seus perigos. Calcula que em Billancourt viviam mais de 20.000 chineses—com as suas scenografias como Xangai ou de Hong-Kong: com os seus «restaurantes»; os seus bordéis; os seus crimes, os seus misterios.

O futuro bairro chinês em Lisboa

Longe de nos assustarmos em vão o público nem levantar a máquerença dos portugueses contra essa colônia estrangeira. Contudo é bom visonar a possibilidade de muito em breve em Lisboa, virmos surgir, de súbito, numa dessas mutações teatrais, à oriental, em Alfama, na Mouraria, em Campolide «um bairro chinês» com as suas bandeirolas, os seus caracteres bizarros, as suas lojas, as suas sombras...

(Continua no próximo número)

Uma reportagem ás "Avenidas"

O "Baile das cem mascaras,,

O passado de Matilde.—Na «Versalles»...—O Baile do carnaval de 1928.
—O doninó lilaz...—O pó misterioso.—O advogado tenorio.—A «chantage».
—O remorso do «regisseur» das «avenidas».

pele Reporter X

O meu amigo, ciceroneo do labirinto dos dramas das «avenidas», que me auxilia nesta reportagem, marcou encontro comigo na «Confeitaria Versalles» ás onze e meia da noite. Instalada ao principio da Avenida da Republica, luxuosa e á velha maneira das confeitarias da Baixa, discreta, onde os clientes se isolam e falam a meia voz—«Versalles» que de dia é o «rendez-vous» das «smart» das «avenidas» que não podem afastar-se do lar e das *fräuleins* e dos *babys* loiros chegando á noite reíne casais misteriosos, elegantes, sim, mas pouco gulosos de luz, sempre com as mãos espalmadas nos rostos, a evitar reconhecimentos indiscretos. O meu velho amigo lá estava, pontual, a bengala de castão excêntrico e as luvas inglesas sobre o mármore da mesa, um calice de Porto á frente, um sorriso relanceado para uma dessas solitarias que em uma mesa vizinha aguardava alguém que não chegou... a chegar durante todo o tempo que lá estive.

«Espere...» pediu ele quando eu abanquei a seu lado... Foi sobre o «Baile das cem mascaras», não é verdade, que eu prometi falar-lhe hoje? Sim? Vamos então a esse roda-pé das avenidas, tão simples como doloroso...

«Conheci Matilde de C... (continuamos a mascarar as reais personagens desta serie de artigos com discretos pseudónimos) ainda ela era solteira e fartou-se de o ser. Matilde, mal chegou á puberdade, exhibiu logo a profecia do esplendor da carne e da formosura que devia ostentar em mulher. Bela, cuidadosa com a sua pessoa, usando de todas as suas facilidades de intelligéncia e bom gosto em melhorar a prodiga natureza—a sua entrada num salão era sempre marginada pelos olhares cubucos e pelos siléncios admirativos... Apesar de «coquette», Matilde mantinha um feroz respeito pela sua dignidade. Essencialmente honesta ficou célebre na nossa sociedade o espantacomo de que ela cruelmente sujeitou um jovem F. B... que, a meio de um baile e já embriagado, ousou... ousar desmasiado. O jovem F... um dos muitos B... judeus famosos em Lisboa, ficou assinalado pela corera de Matilde. Aos vinte anos gostou de um rapaz plebeu, uma joia de rapaz, trabalhador, culto, bem educado. Casou—e foi feliz. Durante três anos em que viveram quasi sempre no estrangeiro, graças aos negocios do marido, a existencia do casal deslizo como um cisne nas aguas dum lago. O diabo foi—como sempre o fixarem-se em Lisboa—escollendo as «Avenidas»-«patria» da sua ventura.

«Já disse que Matilde era *coquette*. Mais do que *coquette* era vaidosa. O regresso á visinhança da sociedade onde fora criada espicacou esses seus hábitos de exibicionismo. O marido, louco por ela, cedea aos seus desejos, embora os cumos o obrigassem a conter-se por vezes e a restringir os projectos da esposa sempre que isso não tivesse como consequéncia em Matilde uma nevalgia em uma hora de mau humor. Havia uma visinha e antiga colega do colégio cujas festas enchiam sempre meia coluna de prosa dos cronistas mundanos. Matilde, julgando-se em grau superior á amiga obsecou-se em dar um baile que suplantasse todas as *soirées* da visinha; e no Carnaval de 1928 deu o célebre «baile das cem mascaras» registado com todas as pirotecnicas

apareceu um vulgarissimo dominó de seda lilaz que esteve toda a noite voltejando em redor de Matilde, ora fazendo-a rir, ora levando-a a franzir o sob'olho finissimo e tão negro como pintado a tinta de Nankin. Cerca da meia noite, quando Matilde ia a ausentar-se de salão—o dominó seguiu-a—e eu tive tempo de ver ainda alguém nas mãos enluvadas do dominó um pequeno papel branco...

«A partir desse baile das cem mascaras a reputação de Matilde sofreu um golpe grave... Vieram os sorrisos, as insinuações, as «grças», as «piadas»—e por fim as revelações em voz alta. Para muita gente «Matilde era amante do Dr. R. S. de O. Quando o disseram á minha frente indignei-me e cortei relações com quem o afirmava.

Não era só a confiança que eu sentia na honestidade de Matilde... Era por ser o indicado amante... quem era. Eu não sei se voce o conheceu. O Dr. R. S. de O., advogado rábula e pouco honesto, filho dum boa familia arruinada, possuia um fisico monstruoso—ventruado, sapudo, papudo, estrabico, pouco asseado, os dentes amarelos e outros podres, um hálito fétido, unhas ruidas, intelligencia mediocre, grosseiro dos pés á cabeça. Como podia Matilde casada com um rapaz elegante, fino, cuidadoso, amigo dela até á benevoléncia, e amando o ela com loucura—traí-lo com semelhante homem?...

«Este meu coraçon tem destes fracos. Apaixonei-me pelo assunto na esperança de poder esmagar a tempo a calunia. Espreitei-a, seguiu; e... que desgosto e que desilusão! Era verdade! Matilde era amante do dr. R. S. O.

«Um dia, li nos jornaes, o Dr. R. S. de O. morrerá... Encolhi os hombros e disse

(Conclue na pag. 14)



Matilde era uma beleza extranha das «avenidas» resistindo a todas as tentações da sociedade...

eologiativas nos anais da boa sociedade da capital. Foi um justo motivo de orgulho para aquele casal—mas bem caro o pagaram...

«Disse já que Matilde era e é, porque vive ainda—extraordinariamente formosa e intrasigentemente honesta. Esta virtude não bastou para afugentar os que se seduziam com os seus encantos fisicos. Vários Tenorios da Avenida teimaram em fazer-lhe a corte, certos da victoria—porque nas «avenidas» os Tenorios, esquecendo-se das irmãs e das mães—teimam até vencer.

«Eu assisti á esse baile. Nesse baile, entre outras máscaras que intrigavam,



Mata-Hari, na época em que viveu em Madrid e veio a Portugal

Este artigo ufana-se de possuir uma historia—á parte da que pode biografia lo até á altura do nascimento. Mal reconstitui o que se passara durante a extranha visita a que já me vou referir—começaram os atritos, as perrices, os gatafunhos de Satanaz. Primeiro—os conselhos de «desinteressada amizade» das «eminencias grises», inéditas, lançadas na piugada das minhas intenções... Graças a estes alvicaireiros de mau agouro, que afugentei á chicotada de um silencio hostil, concluí que o meu excêntrico informador tinha sido espreitado; e se o espreitavam é porque o temiam; e portanto apaguei toda ou qualquer duvida que tivesse ficado a bruxolear no meu espirito sobre a veracidade das suas espantosas revelações.

Como remate tive o seguinte episodio: depois da capa do numero anterior, alegorica ao assunto, e da legenda, annunciando-o a meio do texto, terem entrada na maquina—eis que esse mesmo artigo debanda, nos bicos dos seus pés de papel, escada abaixo, rua fóra, sem que ninguém desse pela sua incorrecta ausencia «á l'anglaise»—senão após a impressão do jornal.

Desisti de averiguar o secreto alcapão que o escamoteou e colando á memoria uma folha de papel quimico—fi-lo de novo disposto a só lhe cortar o cordão umbilical á ultima hora. De nada serviu, pois, o ilusionismo des que não o queriam exhibido em publico. E esclarecidos os leitores sobre o sucedido com a capa e a legenda do numero anterior vamos ás pasmosas revelações que me foram feitas sobre o «Whitchapel» da finança, sobre os traidores e... sobre aquele portuguez que o ex-ministro espanhol Salvatella acusa de ter vendido Mata-Hari aos francezes que a mataram, numa triste manhã d'inverno, em Vincennes...

A EXTRANHA VISITA DA TARDE DE 15

Ao começo da tarde de 15 de agosto um empregado do jornal entrou no meu gabinete avisando-me que havia tres dias que lutava contra a persistencia de um extrahido individuo de cuja visita

ele procurava poupar-me. Com evidente surpresa do empregado mandei entrar o «homem». E o homem entrou, fechou a porta por dentro como quem, ao chegar á sua propria casa procura isolar-se do mundo exterior; perfiliou-se ántes a secretaria; procurou-me com os seus olhos de miope, espantadiços, d'iris tão gastas como incolores e defendidos por grossissimos vidros duns oculos que prendia ás orelhas com arame envolto em algodão encardido. Ao dar comigo curvou-se num longo cumprimento durante o qual o seu corpo magrizona formou um angulo recto; e endireitando-se de novo, quedou-se estatico á minha frente dando voltas á um chapéu de palha de duvidosa cor...

Observei o... Era uma dessas figuras singularmente dolorosas da fauna das grandes cidades—figura do «raté», do fracassado, do vencido... Miséria, desmazelo, velhice precoce... Esplendor em ruínas e á beira de uma tragedia mesquinha de rua: mendicidade, alcoolismo ou loucura. O fato, diafano, esfiava em varios sitios; os saltos cambavam; a barba crescia, sem ceifa, havia muito; a grenha, a entrançar-se sobre o colarinho e sobre as orelhas, só devia conhecer dois disciplinadores: os dedos e o chapéu. Dois detalhes paradoxas: nos sapatos—estalados e tortos—umas polainas alvadias; crispadas nas mãos, d'unhas ruidas e amarellecidas pelo cigarro, um par de luvas cinzentas.

Falou durante mais de uma hora. A sua voz, de timbre agradável, ora terna, ora comovida, ora nobremente colérica revelava elevação d'espirito—como as palavras afirmavam uma elevação d'alma e grande brilho d'inteligencia. E espontaneo, natural, despreocupado... Era tão espaço ao abismo entre a sua voz, as suas palavras—e o seu fisico, que, por vezes, julguei assistir a uma scena de ventriloquia em que «ele» fosse o manequim, o boneco mecanizado, com ridiculos movimentos humanos—estando, por detraz da cortina, o ventriloquo, falando por ele...

Que enigma vivo—o meu visitante da tarde de 15 de agosto!

O MONSTRO

E o «homem» começou: —Vou parecer-lhe brusco. Perdõe-me. Não é grosseria; é desejo de «dizer tudo» a tes que eu me arrependo ou que o senhor desista... Nos ultimos anos tomei, por varias vezes, a resolução de lhe falar. Não o fiz. Falta-me a antiga energia. E não é só isso... (Pausa curta durante a qual os seus labios fazem a acrobacia de um sorriso temperado com fé). Eu bem sei como ando; e se perdi o pudor de me apresentar «assim» nas ruas nos cafés, á multidão—sinto todo o vexame deste aspecto de «clown» quando me defronto com «uma só pessoa»—principalmente se considero essa pessoa... Fraquezas que vieram no minguido espólio do «outro eu» falecido, juntamente com as polainas e com as luvas e com... (rapido desmontou os oculos e encrustou na orbita um disco de cristal) com o monoculo...

Confesso que deixei entreabrir-se a boca numa inconsciente palpavice ante aquele ultimo gesto. Francamente desconcertante... Idiota? Louco? Ou um grande á vontade, com a grande confiança em mim—á certeza de que eu respeitaria, pela sua tragica sinceridade, todo o seu ridicul? E continuou:

VENHAM NÓIÉS? EI-LOS! O QUE É O «WHITCHAPEL» DA ALTA FINANÇA EM PORTUGAL

causador de todas as fatalidades que nos tem perseguido ha 30 anos

Contra Portugal, contra portuguezes.—Da Legião Branca e do «Grupo dos 100»—aos «5 espíões» ao serviço da Alemanha

Revela-se o nome do banqueiro portuguez que é acusado pelo ex-ministro Salvatella de ser espia, e de ter vendido Mata-Hari á França. Esse portuguez pertence tambem ao «Whitchapel» secreto

SENSACIONAES REVELAÇÕES IESCUTADAS E TRANSMITIDAS PELO REPORTER X

«Quando foi da sua reportagem dos «5 espíões» vi que era preciso, era urgente impedi-lo de continuar no mesmo equivoco (no equivoco em que o senhor, ha mais de seis anos tem afundado energias, polvora, revelações, todo um precioso tesouro de Guerra). Porque o senhor—juro-lhe ainda não deixou de sirandar á volta do monstro, como um «paco» rifenho em redor do inimigo.

A ANATOMIA DO MONSTRO

—O snr. começou—ou eu comeci a reparar em si, como jornalista, porque já o conhecia antes—num artigo que publicou em «A Tarde» de Lisboa, em 1925 sobre a «Legião Branca». O pretexto era a morte dum fidalgoso, um febo quasi... Tudo indicava que ele fóra victima de uma vedeta dos cardetes da seita castigando a sua intantil imprudencia por ter linguarado os segredos da sua iniciação na «Legião Branca». Pela primeira

vez insinuava o snr a existencia de uma seita nada maçonica occultando sob scenograficos fitos nacionalistas—objectivos duma poderosa mafia internacional inimiga feroz da Republica portugueza e ensaiadora de muitas das fatalidades que têm ferido o nosso paiz nos ultimos anos. Publicava ainda um rol de casos semelhantes ou aparentados com essa morte—que lhe solidificavam a convicção da existencia duma «Legião Branca» em Portugal.

No ano seguinte, no «Diario da Tarde» revelou o senhor a existencia, em Portugal, sob varios disfarces, duma ramificação tenebrosa de uma seita internacionalista, semeada, ha 20 anos na America e que hoje palpita com a força de um dinamo violento na politica secreta de Louvre—a alcunhada «Maçonaria dos Trigos», que só dos «Trigos» foi no inicio mas que depois se alastrou pelos altos fornos, pelos petroleos, pelos adubos quimicos... por certa alta finança... E pouco depois, em correspondencia para um diario portuense, se não errou entre reportagem—e essa assustou muita gente pela sua oportunidade oportuna de). Foi quando o seu afirmou que o famoso «grupo dos 100», «mao negra» financeiro internacional possuía uma embaxada no nosso paiz, e que missera todas as catatofes que tinham feito sangrar Portugal desde o principio do século... E sabe porque esse artigo mais ainda do que os outros, alarmou a «zona inf.cta»? Porque precisamos n tessa occasião se cochchava aos cuidados dos conjurados inf rices que entrá a paplada do director de um bano, morto repentinamente, fora encontrado a credencial que o acreditava como plenipotenciario «de acção» do «grupo dos 00» no nosso paiz. Mas credenciaes datadas de

1896, assinadas pelos dois grandes mestres da seita—austriaco famoso e um al mão que foi assassinado em 1921—impunham ao «diplomata macabro», uma obediencia cega a todas as sentenças dictadas pelo comité dos «cem» esta ameaça de castigo de morte: no caso de traíção ou até de imprudencia. E assim se ficou sabendo que esse banqueiro, tão considerado, tão respeitado, tantas vezes evocado como simbolo de todas as virtudes moraes e patrióticas—era um traidor e o causador de tantas «fatalidades» que nos tem atormentado desde 1896.

Uma vez esteve o senhor a tocar com o bico da sua pena no «porat-estandard» de toda esta ignominia. Foi naquela vasta e completa reportagem sobre o 19 de Outubro, a proposito do livro da dolorosa Viuva de Carlos da Maia, que o jornal «A Republica» publicou em numero especial... Esteve tão cerca dele—e da mola do segredo—que cheguei a assustar-me pelo seu destino—porque eu, nessa altura (1928) já não era o que fora até... 1926; já nessa altura conhecia por cruel experiencia as leis «deles», os seus «códigos penais»... Desde

aquella reportagem sobre a «Legião Branca» até aos «5 espíões» que o «Reporter X» exhibiu no seu 2.º numero, em todos os artigos—o senhor (já o disse) resvala na mesma imperdoavel lacuna. E' que o senhor tem focado, um por um, todos esses seis ou sete assuntos—a «Legião Branca», a «Maçonaria dos Trigos», «O Grupo dos Cem», o «19 de Outubro», a «espionagem a favor da Alemanha», tratando-os isoladamente, como «seitas», ou «obras primas» de seitas diferentes, independentes—quando afinal todas elas se englobam, se conjugam, se enrodam numa só legião, numa só mafia, numa só «internacional» com um unico objectivo, uma unica ambição, um unico chefe—um unico ódio...

«WHITCHAPEL»

O meu visitante enerva-se; um vago colorido se lhe acende nas faces chupadas e palidas: «Raciocinemos um pouco... Porque esse metódico veneno borganiano que tem enfraquecido pouco a pouco Portugal? Esquece-se que Portugal é desproporcionadamente uma grande potencia colonial e que as nossas colonias são sofregamen-



O commissario de policia argentino, Leonel Maxxoni, que entrou guerra á celebre seita financeira «Maçonaria dos Trigos» e em 1921, demittido da «Caras y Caretas» de Buenos Ayres



«... Publique esta fotografia. E' um portuguez e um alemão em Deauville. Alguem os reconhecerá—e então entrá uma mascara. E qua mascara?»

te cubiçadas por algumas das patrias dos «gran mestres» dessa «internacional»? Porque esse ódio á Republica? Não vé que a Republica foi e é, apesar de todos os seus defeitos e do seu péssimo elenco—a força neva que mais reage e que melhor defende a nacionalidade e a que melhor agrupa pelo iman do ideal, a maioria dos portuguezes? Porque, precisamente, foram os conjurados dessa «whitchapel», tão labirintico e tenebroso como o célebre bairro, capital de infamea—os que serviram o inimigo durante a guerra? Não foi por amor a esse inimigo nem só pelos lucros da sua vilania que eles traíram a patria: foi «só por tra-la», para enfraquecê-la, para a arruinar—e nada mais.



O ex-ministro espanhol, Salvatella.

dados rasos da «Whitchapel», os agentes d'acção, os que, nos grandes golpes, os auxiliam a cumprir as «mot-ordres» dos chefes lá de fóra. Compreende agora?

O DINHEIRO D'ELES

«Qualquer que seja a apparencia das fatalidades nacionais dos ultimos anos—revoluções, grèves, ódios mesquinhos, ambições, desfalques, falencias, ruínas, desmoralisações—á origem unica de todos esses males é sempre a mesma: O Dinheiro! E' ou não é o dinheiro a causa constante do nosso mal estar? E'! Ora se nós queremos sa' er quem são os potentados dessa «Mafia Sec'eta», se sabemos que ella é o causador de todas as fatalidades nacionais, se sabemos ainda que é o dinheiro a origem, a materia prima dessas fatalidades, basta descobrirmos quem é que manobra o dinheiro para desmascaramos esses traidores. Ora, meu amigo, não existe sistema mais simplista nem mais seguro de respondermos á nossa legitima curiosidade. Os unicos que podem manobrar com dinheiro ou seja crear as «fatalidades» decretadas pelos chefes internacionais—são os co... pensados de certa alta finança. Vé como tudo se liga, tudo se esclarece, tudo se conjuga?

AS SECRETAS MANOBRAS

«Muita gente pensa que o dinheiro aparece e desaparece expon-taneamente, duchado do céu ou engulido por alcapões. Por isso se ouve dizer nas periodicas crises—causadoras de tantas outras fatalidades: «Não há dinheiro! Ninguém tem dinheiro.» Infantill! O dinheiro que existia na véspera é o mesmo que existe na occasião. Se não se vé, se não gira—é porque o escondem, o occultam; é porque recebem ordem para provocar novas catatofes... Quantos comerciantes honrados, até quantos banqueiros de boa vontade—não se tem afundado em ruínas, nos ultimos anos—sem que nada o explique? Porque? Porque certa alta finança, a finança da Whitch pel recebeu ordem de abrir mais covas na economia do nosso paiz; e para isso basta retirar-lhe o crédito... Entretanto autenticos burlos que todos conhecemos, os que organisam e prezas fantasticas, sempre fallidas antes... do inicio; com um passido vergonhoso, entram na intimidade desses banqueiros que recusam o crédito aos comerciantes sérios e a ó dis miutos de exposiçáo saem, de charuto nos labios, levando no bolso o capital para uma nova e antecipadamente falida empreza. E esta scena repete-se tantas vezes quantas aos burlos aplece. Porque esta tolerancia para os castrados? Porque estes são os sol-

QUEM FOI O PORTUGUEZ QUE VENDEU MATA-HARI?

Calou-se no primeiro silencio daquela longa hora de ininterrupta eloquencia. Os seus olhos míopes fixaram-se na prova tipografica do artigo sobre «Mata-Hari»—que saiu no numero anterior.

«—Olhe... Ahí tem mais um assunto, mais uma obra do «Whitchapel»—exclamou agitado... Mata-Hari!!! Tenho seguido o assunto. O pouco dinheiro que me sobra é todo para jornais e livros. Li ha pouco em «L'Espagne» de Paris que um ex-ministro espanhol...

«—Salvatella... lembrei eu. —Isso! Salvatella accusava um portuguez—espia dos alemães—in-timo de Mata-Hari, de ter sido quem a vendeu á França para que a fuisse. (O meu visitante sorri; o seu sorriso atlige; e continua). Eu conheço esse portuguez... João Chagas tambem o conheceu—e no seu livro de memorias tambem suspeita que tenha entendimentos com o inimigo. E tinha! Não sei se era um dos «5 espíões»—visto que operava sobretudo na Espanha. O que sei, sim, é que já antes da guerra pertencia á seita—á «Whitchapel» da alta finança, á tal, á que eu falava mais duma hora; que durante a guerra, vagamente banqueiro, viajando muito foi primeiro uma especie de correiro de Mata-Hari—e depois, insinuoso, bajoleiro, servil, falso «charmeur» conquistou-lhe a confiança; e quando a sentiu bem confiada—vendeu-a, o canalha—vendeu-a á França—ele que era um espia dos alemães! Porque? Ora... mas é nitido, evidente—Mata-Hari sabia demasiadas coisas. «Mata-Hari tinha estado em Portugal por conta da «Whitchapel». Mata Hari—viram depois, era capaz de comprar o seu socego por qualquer preço. Tiveram medo. Era preciso afastá-la, silenciar-la. E em vez de usarem dum punhal ou de umas gotas de veneno fulminante—«acharam mais limpo» vendê-la á França, porque sabiam que ella em França seria fúsilada...»

Estavamos ambos ofegantes... «Ele» suave. Eu sentia febre. Ergui-me, pousei-lhe as mãos nos hombros ossudos, fixei-o; e estabelecemos então rapido, «murmurado», sequioso—o seguinte dialogo: —E esse portuguez vive ainda? —«Vive!» —«E onde?» —«Em Madrid!» —«E quem é ele?» —«E' pa-

(Conclue na pag. 15)

“A CADEIRA MALDITA”

Reportagem sensacional sobre os condenados á morte nos Estados - Unidos

LEWIS E. LAWES, O DIRECTOR DE «SING-SING», O HOMEM QUE ASSISTIU Á QUASI 200 EXECUÇÕES E QUE LIDOU COM CENTENAS DE CONDENADOS Á MORTE DESCREVE-NOS TODO O PROTOCOLO SINISTRO E CONTA-NOS EPISÓDIOS MAIS EMOCIONANTES DA SUA MEMÓRIA

Conclusão

Era profundamente religioso, a morte não foi para ele um mal.

O segredo, o número 70.292, conhecido pelo nome de «O Bandido dos Bancos de Brooklyn» era um tipo verdadeiramente notável e cheguei a conhecê-lo muito de perto. Era um bonito rapaz de boa família e que esteve prto de Zano no colégio, donde foi expulso por causa da sua mania do jogo.

Em lugar de se dirigir a seu pai que era severo e brutal, e como fosse incapaz de ganhar a vida (não tinha profissão) principiou a roubar os bancos.

Tinha o costume de dizer: «Os bancos roubam os particulares, então eu estabeleci a justiça...» Fazia as suas explorações de dia e muitas vezes com a cumplicidade da polícia com a qual repartia os seus roubos.

Foi preso e encarcerado numa prisão de Oeste por ter morto um camarada durante uma rixa. Na ocasião em que cometeu o crime pensou que o cam-r. d. tinha pegado numa espingarda contra ele. Mais tarde descobriu que a sua vítima não estava armada e sentiu tão grande remorso que pensou que «ó poderia espisar este crime com a sua própria morte».

Confessou então todos os seus roubos nos bancos, afirmou, dizia ele de poder praticar «um suicídio legal». Foi transferido para New-York e não tendo querido defender-se foi rapidamente condenado. Não quiz ap- ar da sentença, mas apesar disso o seu recurso foi apresentado e negado. Por último uma das suas amantes pediu o seu perdão, sempre sem ele saber, mas nada conseguiu.

Na manhã da sua execução, pediu ao chefe dos guardas licença para vestir uma camisa branca em lugar da camisa preta dos condenados. Como não houvesse precedentes o chefe dos guardas hesitou e pediu-me conselho.

Não compreendi porque é que um homem não pode morrer tanto com camisa branca como com camisa preta, del a autorização pediu. O condenado teve então desejos que lhe foram igualmente concedidos: Um era de fazer o seu último trajecto sem algemas, e o outro ser acompanhado por um guarda que fosse... alegre.

Reconhecia a sua falta em ter morto o camarada sem o ter prevenido mas achava justo alisar sobre o adversário com a condição de o prevenir. Recusou até ao fim dizer o seu verdadeiro nome e assinar até o nome f. loo com que foi preso.

Alguns casos

O caso do n. 69.739, foi defendido com toda a paciência durante mais de um ano, mas perdeu a sua causa, ao passo que os seus cúmplices confessaram os crimes e foram declarados culpados em segundo «grau», e condenados em 20 anos de prisão. Casou algum minuto antes de ser electrocutado, a sua noiva tornou-se esposa e vivava no espaço de um quarto de hora «tão» é pelo melhor! exclamava ele quando caminhava para a suplicio.

A mãe do 70.297 implorou a licença para acompanhar seu filho á Câmara da Morte e assistir á execução.

Perante a lei era sem dúvida um assassino, mas os seus olhos era o seu filho que ia morrer. Acontece frequentemente bandidos slada mo mostrarem-se cheios de carinhos para com as mães, ao passo que são incapazes da mínima consideração pelo resto da humanidade.

Os números 70.94 e o 70.759 haviam mor-to um guarda quando tentavam evadir-se do Hospital dos Tuberculosos em Damocora. Ca-

minhavam alegremente para a morte que os libertava dos estragos da tuberculose, e um bel-jou a cadeira eléctrica antes de se sentar. O n.º 70.759 conhecia pessoalmente o carrasco do qual havia sido ajudante de electricista:

«Faz bem o teu serviço John!» disse ele no momento em que o seu antigo chefe aplicava a corrente.

O n.º 70.744 consentiu de bom grado que fosse retiradas certas glândulas imediatamente depois da execução. Essas glândulas foram exactadas no corpo de um recluso que apresentava sinais natos de degenerescencia mental tendo excelentes resultados. Este processo, apesar disso, foi julgado ilegal e por coaseguinte abandonadas estas experiencias. Outro facto de ser notavel: este mesmo condenado jogou o xadrez com um camarada até ao momento em que foi para a Câmara da Morte.

Os números 69.711, 69.712, 69.713 e 69.769 estavam envolvidos num caso de arrombamento durante o qual um dos quatro matou a tiro um homem. Perante a lei eram todos igualmente culpados. No entanto o n.º 69.769 tinha ficado no taxi enquanto os outros operavam e afirmava ignorar o que se havia passado e nada saber da

violencia que se passava. Alguns minutos antes da execução o n.º 69.712 confessou ser o único responsável pelo crime. U na demora foi logo concedida aos condenados, mas malstarde o qual havia falado negou a sua confissão e os quatro bandidos foram executados.

O n.º 69.113 que foi o primeiro a ser executado tinha a mentalidade de uma criança de 7 anos. Ficou contentissimo com a ideia de graças á demora haviam papado mais um jantar ao governo. E de facto costumava conceder ao condenado uma copiosa refei-ção no dia da execução e tão extraordinário que isso possa parecer, essas refeições são escolhidas com o máximo cuidado e comidas com o apetite.

Enquanto eram executados o n.º 69.711 que foi o último, não cessou com voz firme e clara de cantar.

Havia sido lutador amador e reconheceu ter praticado grande numero de roubos. Mas declarava com orgulho, só havia roubado os ricos e que distribuiria os roubos pelos pobres. Pediu para ir para a Câmara das execuções andando sobre as mãos e parecia preocupar-se com uma única coisa: Falar-lhe os jornais da sua originalidade e da sua coragem, e os seus camaradas saberiam tambem?

Quando se sentou na cadeira disse: «adeus superintendente!» E enquanto lhe prendiam as correntes comandou com voz forte:

«Vamos depressa!»

A ultima «pinga»

«Senhor superintendente, eu quero morrer com um homem, mas é a primeira vez que tento a experiencia e não estou seguro de mim. Não conseguirei arranjar de maneira que eu possa beber uma pinga quando chegar esse momento?» Assim me dizia o 75.453. Era um rapaz e apesar de nunca usarem drogas ou estímulos nunca resolveu por esta vez fazer uma excepção, e arranjar lhe uma boa dose de whisky. Alguns momentos antes da execução perguntei-lhe como se sentia. «Maravilhosamente», respondeu-me ele, mas notando a minha palidez acrescentou: «Sóis vós Senhor Superintendente que tendes necessidade de um copo de whi-ky! Toma a minha parte e que isso vos dê felicidade».

Confesso de facto, que bem precisava e que bebi whi-ky. Ele morreu com um soldado.

O 75.966 como muitos outros condenados tinha mulher e filhos que se encontravam tem muito precárias circumstancias, o caso deste condenado é a comissão de beneficencia de Sing-Sing quem arranjou o dinheiro preciso para a compra do cartão afim de que a sua família pudesse fazer lhe a unica visita. Mas, não havia dinheiro bastante para pagar-lhes um quarto de um hotel; mulher e filhos ficaram em minha casa e partilharam da nossa comida. Na tarde da execução e enquanto estava a conversar com os preparativos, minha mulher levou a infeliz a dar uma volta para evitar-lhe a vista das tetemunhas e do carrasco.

Inumeras são as recordações, todas elas bem tristes, quasi todas fráglis e ou trágl-comicas que conservei do meu contacto com os condenados á morte, e quando evoco-as sinto espectros não me esqueço nunca de que, apesar dos seus crimes, elles são tão humanos como nós, e chegam a assumir attitudes heróicas ante o momento extremo.

UM DOMESTICADOR DA CADEIRA ELETRICA

O engenheiro Ross Remington, nato do celebre inventor Remington, que arriscou a sua propria vida em varias experiencias com a cadeira electrica.



(Nota importante: Era a este engenheiro que um jornal portuense de 25 exemplares de tiragem se queria referir quando nos apressa, sem motivo, a propósito da crítica sobre Pita Soares, no nosso n.º 3—porque, dizia ele, o fotografico que publicamos não reproduz um condenado á morte que realista a «cadeira maldita» mas sim a um engenheiro casado. O equivalente do nosso colega portuense (logo approvado para hostilizar—sancta diabolica!)—dizão de fato—até só conhecer francez e ler, o «Detective» de Paris que tambem se equivoca. As duas fotografias—e as respectivas legendas, tal os publicamos, saíram na n.º 43 de «The Detective World» de New York. O «Detective» de Paris só reproduziu uma—e enganou-se na legenda. Sarvida mais uma vez, sr. Julio Ribeiro!

O “Rei, das cartas de jogar!

Falsificar é crime ou doença?—O Casino de uma praia portuguesa.—O Falsificador que venceu Monte-Carlo e New-York.—Cartas mentirosas, falsas...—Esteve em Portugal o célebre “rei das cartas de jogar?”

A VOLUPIA DE FALSIFICAR

Uma destas primeiras noites de Setembro, nostrandim de uma meza do café, alguém me pediu que lhe dissesse o que pensava eu, dessa descoberta recente das ultimas notas falsas de quinhentos escudos. A grande buria é um caso que já não oferece novidade alguma... Se to-las as horas tem o seu assunto é certo tambem que todos os assuntos tem a sua hora... Por isso, em vez de apontar novos comentários ao estado alvo das notas falsas, preferi falar ao meu interlocutor da estranha psicologia de certos falsif. cadores.

Alem desse falsificador vulgar, que imita uma assinatura, está uma para da sem fim e sem conta de voluptuosos de tudo que é positivo e mentiro. O Conheceu - e até desistiu que necessitam falsificar, seja o que for, com o que não necessita oxigenio para viver... Por exemplo, esse engenheiro alemão, preso, há mêrs, em Paris, numa conhecida fabrica de automoveis onde falsificava a modélos de motores, que depois vendia como se fossem a criação s suas. Este homem, segundo co-fessor e, depois, foi verificado, era riquissimo é autor de motores que mereciam a admiração de muitos fabricantes. E, chorando deante do commissario que o interrogava, declarou que uma Invenção-vera, tentação o atrava para a que-las falsificações, sentindo, quando as realizava, uma emoção quasi sensual. Mufos falsificadores são, por conseguinte, lamentavéis doentes, que se devem julgar através do método de Freud e não sob a velha sutveridade dos códigos. O velho ci certa mulher, casada e quasi milionaria, que tinha o costume deentão de usar perolas falsas. Podia comprar e podia pesquisar o seu lindo colo como as mais lindas e preciosas perolas. Era, porém, u fanatica do artificialismo, fazia o contrario daquilo que devia e podia fazer... Essa volupia das perolas falsas, que a obrigava a dispendir dinheiro sem método, levou-a ao divorcio, e, por fim, atirou com ela para um manicómlol

O estudo da psicologia dos falsificadores daria um livro bem original! Ainda há pouco tempo, numa linda praia portuguesa, me apontaram um desses apaltonados da arte de falsificar, palhaço das grandes cidades, que a policia de todo o mundo pr. cura...

O DESCONHECIDO DO CASINO... PORTUGUÊS OU AMERICANO?

Há semana, na mt.h. ultima estada em Lisboa, um amigo veio arrancar-me do hotel no momento em que acabava de jantar. Quize

minutos, depois, projectados num “auto” tão apressado como o vento, paramos à porta do Casino... Cá fora, a lua espalhava ondas de prata vacillante sobre o mar e sobre as cabeças dos que passavam. E, nesse momento, tive a impressão de que esta praia, saturada do nome doirado que lhe deram, queria chamar-se a Costa do Luar... Lá dentro, na catedral do jogo, sobre as tábuas verdes, rolavam as fichas, coloridas, febris, lembrando corpos em brasa de cortizás. Eu e o meu amigo paramos, depois de uma curta revista às outras bancas, no altar verde de “baccara”. Aquí, faziam-se paradas de extensos escudos. Uma mulher de olheiras cinematográficas, com gestos nervosos, perdia milhares de escudos e, aien, no outro extremo da mésa, um cavalleiro, dentro de um irrepressivel “smoking”, ganhava pirâmides e pirâmides de fichas. Foi pa a éste homem que eu olhei, durante minutos, com grande atencão. As vezes, perdia fichas insignificantes... Porém, ganhava, e muito frequêntemente, outras, cujos algoritmos sugeriam fortunas de milionario... O meu amigo, que havia estado olhando para outro lado, veio para junto de mim e, a certa altura, fi-ando tambem o homem de “smoking”, que ganhava sempre, informo-me:

—Aquele homem não te parece um caso misterioso?

—Na verdade, pressinto mistério no modo como os dedos dele agitam as cartas...

—Espera, vais saber...—disse-me o meu amigo, saindo para fora da casa do jogo. Um minuto depois, estava de novo junto de mim e, abrindo o exemplar de “Detective Scientific” que trazia nas mãos pediu-me que confrontasse a fisionomia do jogador de “smoking” com uma gravura que vinha naquella jornal Sim, era elle... Depois, inf. jornal-me:

—E’ o mais habil falsificador do mundo. Chamam-lhe o “Rei” das Cartas de jogar!

O FALSIFICADOR QUE VENCEU MONTE-CARLO E NEW-YORK

O meu amigo, intimado pela minha curiosidade, começou a contar:

—Aquele homem deve ser português. Fala correctamente alguns idiomas assim como o russo, mas repára bem, no nome: D. João Mac-Hado. Não te parece uma caricatura estrangeirada de Machado? E é, na verdade, um português fugido para a America. Desde pequeno, que é um cocainomano da arte de falsificar. Descobriu uma tinta falsiferosa com que consegue falsificar todas as cartas de jogar. Na primeira semana em que começou ludibriando as ca as de jogo da Broadway, a sua fortuna deu um salto incomparavel. E’ tão subtil o segredo do seu “truc” e são tão ágeis os seus dedos de felicitoso ao executá-lo que ninguém se apercebe nem sequer os “holofotes” óticos que são sentinelas nas casas de jogo. Entretanto, os empazirados dos batos cosmopolitas começam a pressentir que existe alguém que atrai a sorte, que ganha demasiadas vezes, que ganha demasiadamente. Quem é o homem feliz e misterioso? Como? Um dia, porém, lançou o grito de alarme. Quando a luz da manhã vem empalacear o palco do se representou o drama do jogo descobrem umas cartas... brancas, imaculadas como corpos de virgens, sem um único sinal, coladas áscostas das cartas da casa... A este brado de alerta, outros responderam declarando que nas suas casas apparecem frequêntemente as misteriosas cartas... brancas... Quem é o au-



D. João Mac-Hado, cercado pelas pistolas amonhadas

tor da proeza? Uma noite, um grupo de officiaes do mesmo officio... de “trucs” e “maringalas” lança as suas suspeitas sobre D. João Mac-Hado... O grande falsificador vai ser descoberto? Seguem o soberano das falsificações, estendem-lhe uma cilada e, com pistolas-meacidoras, obrigam-no a revelar-lhes o segredo da sua “maringala”. D. João Mac-Hado, sorrindo, cedeu. Piota, rápidamente, as cartas que exigem. Os saltadores do seu segredo saíam-se, por fim, bufando de triumpho Mas qual não é o seu assombro quando descobrem que as cartas, adurdadas como talismans, estão... totalmente brancas! E’ que o principal segredo de famoso falsificador consistia em enpalha-las à sua vontade com tintas simpáticas que, pouco depois, dessas parecia deixando as cartas brancas e virgens—como Offelia do Hamlet’s—como golpe de vingança, os officiaes do mesmo officio desmascaram no junto dos empazirados do jogo. D. João foge de New-York, trufma em Monte Carlo e corre o mundo das avenidas de ouro. E se, quando o “Detective Scientific”, em seu numero de Abril deste anno, lhe devia estar na Europa, em lileau ville ou Ostende, a repetir as suas proezas, a repetir as suas horas de fortuna!...

UMA FUGA MISTERIOSA

Eu e o meu amigo, que nos tinhamos afastado para um cuinto, voltamos à mesa do “baccara”. O jogador de “smoking” já não estava a l. Tinha fugido! Nessa altura alguns sacerdotés do jogo, descebriram, entre as cartas da banca umas outras, em branco, de uma ingenuidade que significava crime, falsificação. Os olhos dos “croupiers”, com olhares de policia, interrogaram o rosto dos pontos. Os meus olhos e os do meu amigo correram então, toda a sala à procura do jogador do “smoking” e não voltaram a vê-lo.



O rei das cartas de jogar em Mont-Carlo

(Do nosso enviado especial)

O «rápido» deixara-nos na «gare» de Pombal cerca das nove horas da noite. Que sabíamos do assunto que ali nos levaria, de chofre, guiados apenas pelo nosso instinto jornalístico? Nada, ou quasi nada. Lêramos umas vagas notícias na imprensa diária, que pouco nos elucidavam. José Rito fizera um desfalque na Repartição de Finanças daquela localidade. A quanto montava o alcance? Não se sabia ao certo. Alvitrava-se uma quantia: 5000 contos. Como se descobriira o delicto? Por acaso. E' sempre o acaso que lança a perder os delinquentes mais cautelosos.

Ali, no pequeno largo mal iluminado de Pombal, a nossa imaginação tentava pôr um pouco de ordem ás informações imprecisas que possuíamos acerca do caso. Aventuramos alguns passos — que poderiam ser os primeiros passos de uma grande reportagem — e entramos no Hotel Pombalense. Instalamos-nos.

Era a hora do jantar—a hora pacata das refeições lentas, bem mastigadas, dos hotéis da provincia. A mesa do fundo, da qual se podia analisar discretamente a sala inteira, era a que melhor nos convinha. Dela fizemos observatório, enquanto a Maria nos ia trazendo os pratos, e fitando em nós, à sucupa, os seus grandes olhos negros e desconfiados.

Um palpite—Uma pessoa importante—Uma senhora morena e um homem de maxilares fortes

A nossa esquerda três pessoas juntavam também, conversando descuidosas: um cavalheiro calvo, de óculos, entrado já na casa dos quarenta; uma senhora magra, morena, que devia pertencer, como esposa mais ou menos legal, à terceira personagem, um sujeito dos óculos, face rapada, maxilares muito pronunciados que se moviam ameaçadores na trituração do bife.

Tivemos um palpite, como os jogadores que pressentem a aproximação da boa sorte. E se aquela gente fosse a melhor informada sobre o caso José Rito? O sujeito calvo, com o seu ar respeitavel, um quê de simpático no olhar brando a que os óculos emprestavam, a espaços,

súbitos fulgores, deveria ser qualquer cousa de mais grado naquela terra.

Chamamos a criada de parte e perguntamos-lhe discretamente, apontando-o:

—Quem é aquele cavalheiro? Não será o administrador?

—Não informou ela, solita,—é o sr. Neves da Repartição de Finanças.

Aquele homem, pela sua posição, deveria estar no segredo do assunto. A primeira pedra para o edificio da reportagem, estava ali ao nosso alcance, no próprio hotel onde nos hospedáramos.

Decorrera uma hora desde a nossa chegada. Os comensais repletos começavam a sair. Outros, nostálgicos, quedavam de olhar vago, palitando os dentes. O sr. Neves e os seus convivas ergueram-se da mesa. A senhora morena tomava o caminho da porta, seguida pelo cavalheiro dos maxilares fortes. E o sr. Neves detinha-se a meio do salão prêsso a uma pergunta nossa.

—Efectivamente —informava-nos ele — sou eu quem está procedendo ao inquérito ao caso José Rito na Repartição de Finanças. Mas compreende que não posso dar-lhe esclarecimento sobre um assunto que ainda não acabei de investigar e, de resto, só devo esses esclarecimentos ás entidades competentes.

Com mais algumas desculpas o sr. Jaime Neves retirava-se. E nós lançávamo-nos à aventura, pelas 10 horas da noite, através de Pombal desconhecido.

Sob a Repartição de Finanças—Uma sociedade de recreio e um grande centro de opinião pública

Não há um café em Pombal, um centro de cavaco e maledicência tão util aos jornalistas. Houvera um, em tempos, mas tão luxuoso que, segundo nos informaram, não conseguira resistir ás despesas consideráveis. Ficaram para passatempo dos pombalenses uma cervejaria minúscula com um bilhar onde ninguém joga, um jardim frondoso — lindo logradouro publico — ao centro do qual se ergue o busto do ministro de D. José, e algumas tabernas de aspecto limpo e decente.

Perto do jardim, num edificio antigo, ha um teatro modesto, e no primeiro andar, por

UMA REPORTAGEM A "5.000"

A enigmática escamoteação da

As primeiras impressões.—O que nos disse o syndicante.—Ao negocio, luxo e riqueza.—Dividir pelos pobres no estilo de Raffles. Alcance muito grande para um homem só!—Um

E O CASO (Do nosso

cima do teatro, está instalada a Repartição de Finanças que José Rito desfalcou. Como não podíamos ir à Repartição, devido á hora tardia, fomos ao teatro. Um grupo de salsifre, a sociedade de recreio «Flór da Moidade», formada por jovens amáveis e simpáticos, divertia-se nessa noite. Bailava-se a capricho, melhor do que nas melhores salas de Lisboa, e uma orquestra, regida com muita competência pelo Sr. João Gonçalves, autor de várias canções interessantes e empregado na Repartição de Finanças, executou numeros caprichosos, que muito apreciamos.

Em breve se espalhou por todo o teatro a noticia da nossa identidade e dos motivos que a Pombal nos levaram. Estabeleceu-se á nossa volta um natural ambiente de curiosidade; travamos conhecimentos com varias pessoas e verificamos, atravez de inumeras conversas, escutando aqui um pormenor, anotando acolá uma leve informação, que José Rito é das pessoas que maior simpatia gozam em Pombal. A opinião publica não o condena com severidade e, se estivesse em suas atribuições absolvê-lo—absolvê-lo-ia com certeza.

—O alcance pouco passa de 4.600 contos — Neste mundo tudo se sabe

Terminava o espectáculo, ou melhor, o ensaio, porque de um ensaio, embora muito perfeito, se tratava. Saimos na companhia daqueles numerosos e recentes amigos, caminhando lentamente através de Pombal, cuja população recolhida já, deveria dormir a sono solto. Dois músicos seguiam-nos de perto e, para não perderem o habito, foram tocando alguns trechos musicais.

Ao som da «Ramona», que o

saxofone entoava num gemido tragico, um desses recentes amigos, cujo nome não podemos revelar, ia-nos dando na sombra propicia informações precisas sobre o caso José Rito.

—Existe no publico—diziamos ele quasi em segredo—o convencimento de que o alcance vem de longos anos, dezenas, talvez. E' possível. Mas é certo, também, que nesse longo periodo varias fiscalizações teem sido feitas em que não se verificou falta de valores

—Porquê? . . .

—Mas disseram-nos que Rito ganhara há anos grandes quantias em um negocio de papeis de credito.

—Sim, creio que realmente ganhou algum dinheiro. Mas não tanto como teria feito constar. Ele fazia parte de um grupo detentor de papel do Banco Ultramarino. Quando este Banco esteve para deixar de emitir notas para as colónias o seu papel baixou muito. Rito, avisado por um amigo intimo, comprou na baixa quanto papel pôde, e vendeu-o na alta, quando se valorizou em virtude de o privilégio da emissão de notas continuar nas suas mãos. A partir dessa data ninguém em Pombal punha em duvida a grande riqueza de José Rito.

Fomos abraçando o passo. O saxofone gemia a «Ramona» a maior distância. Nós e o nosso misterioso interlocutor prosseguíamos o diálogo.

—O alcance actual—continuou o nosso amavel informador—poderá ser talvez a última fase de outro mais antigo. Não deverá, portanto, remontar a mais de meia duzia de anos, se tanto, só nos últimos dois ou três podendo ter atingido cifras mais consideráveis.

—E como se verificou a

VOLTA DO MISTERIO DOS CONTOS

Repartição de Finanças de Pombal

—Onde está José Rito?—Como a opinião pública o absolve.—Reformado que tem serrallo, compra predios e automoveis.

DE FÁTIMA?

enviado especial, Sr. Mario Domingues)

existencia do alcance?—pergun-tamos.

—O Director de Finanças de Leiria realiso de surpresa uma visita a Pombal. O tesoureiro José Rito não o esperava. Notou o Director algumas faltas e tomou immediatas providencias. Enquanto Rito se punha a salvo, iniciou-se uma inspecção á tesouraria afim de se apurar o montante exacto dos valores em falta. E' dessa missão que se está desempenhando o sr. Jaime Neves.

—E que apurou de positivo o sr. Neves?

—Ele não o diz—respondeu o nosso entrevistado—mas neste mundo tudo se sabe.

—Só não se sabe onde está José Rito—dissemos nós com mal disfarçada ironia.

O misterioso interlocutor sorriu-se.

—Até isso se sabe... mas não se diz.

Temos a impressão, leitor, de que o tesoureiro da Repartição de Finanças não deve estar longe de Pombal. Não interessa, porém, o seu paradeiro. Não somos policiaes, somos jornalistaes.

—Sabe-se — prosseguiu o nosso solicito informador—que o alcance, não devendo ser inferior a 4.600 contos, não deve-

rá no entanto atingir os 5.000, como a principio se julgava.

—E como conseguiu José Rito ocultar a existencia do alcance?—inquirimos curiosos.

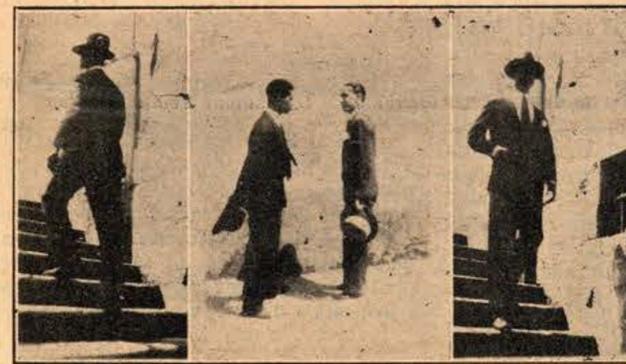
—Principalmente por um engenhoso processo de emissão de cheques sobre a Caixa Geral dos Depositos.

—Disseram-nos que ele levava uma vida de nababo—insinuamos.

—Com efeito, ele tinha fama de muito rico, movimentava grandes capitais, fazia vida luxuosa, era generoso, o que lhe grangeava muitas simpatias, e dizia-se que fazia uma despeza em sua casa de mil escudos por dia.

—Não lhe parece que o alcance era muito grande para um homem só?—inquirimos.

Hesitou o nosso entrevistado em responder-nos. Ele, porém, sabia tudo. Aquele homem estava bem informado. Porque motivo estaria ele tão empenhado naquele assunto, conhecendo certos pormenores que o grande publico desconhece? Quem te parece, leitor, que será esta personagem estranha que tanto empénho mostrava em tudo nos revelar?



O nosso enviado especial entrando e saindo da Repartição de Finanças e falando com um informador misterioso

Mais revelações importantes—Historia breve de um sargento reformado.

No dia seguinte era domingo. Lá fora dardejavam ardentemente os raios solares arrancando reverberos violentos á paisagem que se entrevia pela janela do hotel.

A' hora do almoço, quasi as mesmas personagens, encalmadas e sonolentas. O sr. Jaime Neves não estava. Mas lá se encontrava o par da vespera; ela, a morena magra elegante, a quem ouvimos chamar D. Augusta, êle, de maxilares salientes, mastigando lentamente, que soubemos ser também empregado na Repartição de Finanças.

A idea da vespera atormentava-nos a imaginação: achávamos o alcance demasiado volumoso para um homem só. O Rita teria cúmplices? Eis o que nos interessava saber. Quasi no fim do almôço, alguém nos procurou. Era para nos participar que o nosso misterioso informador, que tão importantes revelações nos fizera, nos esperava lá fora.

Saimos imediatamente a procurá-lo.

—Lembrei-me de que você, desconhecendo Pombal, me quizesse hoje para cicerone—disse-nos êle, mal nos aproximamos, sob o sol escaldante que nos pezava nas costas como chumbo ardente.

Compreendemos que a oferta de nos servir de cicerone não passava de um pretexto aparente. Ele desejava fazer-nos mais revelações, com certeza!

Tomamos lentamente o caminho do mercado, e embrenhamo-nos na multidão, conversando.

—Alguém nos falou ontem —dissemos, fitando-o bem de frente—que na Repartição de Finanças há um homem suspeito.

O outro sorriu-se.

—Sei a quem deseja referir-se — disse-me êle. — Trata-se, com certeza, de um sargento reformado J. J. F.

—Exactamente.

—E' o receptor proposto. Possui dois predios, sustenta duas amantes e comprou um automovel por trinta e cinco contos que o filho traz na praça de Lisboa.

—Isso pouco ou nada prova contra o homem — dissemos.

O nosso entrevistado encolheu os ombros, e prosseguiu como se não tivesse ouvido o nosso reparo:

—Entre esse] receptor e José Rito havia por vezes, discussões violentas. Porquê? A proposito de assuntos da Repartição? Haveria entre ambos ligações secretas? José Rito é a única pessoa que poderá fazer luz sobre o assunto. E o senhor procure, por seus próprios recursos, saber o que eu não lhe posso revelar.

Porque motivo o nosso informador lançava no nosso espirito suspeitas sobre o sargento reformado? Eis o que não conseguimos compreender.

—E o caso de Fatima? O nosso informador olhou-nos desconfiado, hesitou um momento e respondeu-nos:

—Uns afirmam parentóricamente que êle, sendo tesoureiro dos dinheiros de Nossa Senhora de Fatima, se alcançara em cinco mil contos. Outros negam com tanta energia como outros afirmam. Inclino-me para a ultima hipotese. Deve ser mentira. As más linguas falam demais. Quando o cão é tinocho todos lhe atiram. Até se disse que o sacristão roubara 600 contos em moedas, que transportou ás costas num sacco, desaparecendo para nunca mais ser visto. O caso de Fatima não é facil de averiguar.

Conversamos ainda por muito tempo nessa tarde. No «rápido» que nos trouxe a Lisboa não nos cansamos de meditar em tudo que soubemos e observamos em Pombal. Perpassou-nos pela memória o que curvimos da esposa de José Rito. Ela está em Lisboa e escreveu a alguém confessando que atravessava o momento mais doloroso da sua vida. Compreendemo-la: depois do fausto, da deslumbrante riqueza, a desonra e o opróbio. Deve sofrer por ela e pelo marido, que tem de andar a monte, talvez ali perto de Pombal onde viveu vinte e três anos felizes —de uma felicidade que não tornará mais a bafejar-lhe a existência.

Mário Domingues

Este jornal foi visto e aprovado pela Commissão de Censura.

Os Condenados à Morte

A politica trágica da America Latina

As vinte republicas inquietas—Como se governam e como se fazem as revoluções
—No Mexico, desde 1900 até hoje houve quasi 14.000 fuzilamentos politicos

Perez Domenech, numa pagina do presente numero do «Reporter X», refere-se á «politica tragica das republicas ibero-americanas». Já depois do illustre jornalista espanhol ter sido entrevistado pelo nosso jornal, novos valcões de sangue irromperam na zona latina do novo continente: a revolução do Perú, onde o tirano Leguia foi destronado (?) e preso e aguarda fuzilamento após oito dias de batalhas violentas nas ruas de Lima; a tentativa revolucionaria na Bolivia cujos cabecilhas—trinta generais (num exercito de vinte mil soldados) foram capturados pelas tropas governamentais e passados pelas armas; uma nova incursão anti-governamental no Mexico, chefiada pelo general mestizo Pujoll—que deixou o terreno juncado de centenas de cadaveres; Sandino, em Nicarágua, conseguiu reunir mais doze mil patriotas e abriu nova offensiva; no Paraguay, no Chile, na Colombia, na Guatemala e em Honduras, os telegramas da Havas anunciaram novas revoltas,

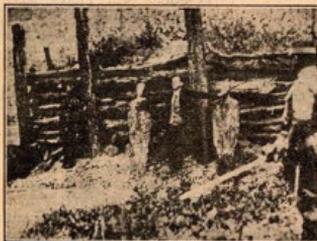
novos fuzilamentos, novos tiranetes linchados e novos tiranetes guindados ao poder... No proprio Brazil, o governador de Paraíba é assassinado a tiros, num café qualquer da cidade.

É a mais trágica de todas as politicas —a politica ibero-americana. São 20 paizes em que o antigo imperio-espanhol se estilhaçou: a Argentina, o Uruguay, o Paraguay, a Bolivia, o Chile, o Peru, o Equador, a Columbia, Venezuela, Panamá, Guatemala, S. Salvador, Honduras, Nicarágua, S. Domingos, Haiti, Mexico, Cuba, Costa Rica, (este sob o dominio dos norte-americanos). Cada paiz conserva as características da região espanhola dos colonisadores que nele se fixaram, misturadas com as indias que emprestaram a essa Abyssinia de sangue as suas virtudes guerreiras, as suas rebeldias, a sua intranquillidade. A independencia veio surpreender uma série de povos, quasi sem escala de classes—niveadamente burguezes, onde todos se julgam com o mesmo direito de mandar. Alem disso a passagem de «colonias» a «republica independente» entonteceu-os como ranchadas de creanças que, de subito, fossem entregues ao seu proprio destino. Quizeram brincar ás nações—tendo em vista os grandes modelos da actualidade e da Historia. Não há cidadão de Nicarágua ou da Costa Rica que não julgue o seu paiz igual aos Estados-Unidos ou à França. Não há politico desses estados que se compare a Washington, a Lincoln, a Israel. Não há general (e eles abundam *lá bas...*) que não se convença ser Bismack ou Napoleão. Eles proprios arranjam alcunhas grandiosas.

Fernandes o «inquisidor» de Caracas, como lhe chamava o povo—apodava-se de «Bonaparte de Venezuela». Mal um desses

politicos se apossa do governo—a sua grande preocupação é intrincheirar-se de foram a que não o arranquem nunca mais. A media de duração dos mandatos presidenciaes é de 2, 3, 4 e 5 annos. Pois bem: os presidentes da America ou governam apenas meses—ou estão 14, 15 ou 16 annos (como Estrada Cabrera, de Guatemala), na presidencia, resistindo a todo o olio do povo que eles combatem cruelmente. E como herdaram dos avós indios a ferocidade da colera—nas suas revoluções são sempre sangrentas, dum violencia brutal. Não perdoam nem aos irmãos. Roms, dos Cezares—mas em carnicaria.

Mexico é o simbolo dessa politica tragica. Acabamos de ler no «New-York Herald» que as tropas federais fuzilaram no dia 20 de agosto 32 chefes revoltosos. E acrescenta o correspondente: «com estas 32 execuções totalisa-se em 13.700 os fuzilamentos politicos desta republica... a contar de 1900 para cá.»



O famoso padre Gonzalez—abrindo os braços em cruz ao ouvir a descarga



O quarto executado da mesma tarde: o padre Dionizio caindo junto dos cadaveres de três companheiros

Uma reportagem ás avenidas

(Continuação da pág. 7)

para comigo: «—Que pena não teres morrido antes do baile das máscaras! Terias evitado mais uma infame!» Na tarde seguinte, fui chamado ao telefone pela Matilde. Extranhei... Ela falou-me numa voz tremula, afflitiva: «Que precisava falar-me com urgencia—antes que o marido chegasse a casa; que só em mim tinha confiança; que eu a conhecia e estimava desde menina. Fui—com o coração a avisar-me desgraça... Matilde desabafou entre prantos, ajoelhando-se aos meus pés... Confessou o seu crime... Sim, era verdade—desde aquele maldito baile. O advogado que a perseguia havia muito—enojando-a. Naquella noite, entre libertas de máscara—libertades de bobo—fizera com que ela aspirasse um pó que trouxera num papel.

Sentiu-se agradavelmente enervada, uma excitação deliciosa... No dia seguinte—depois da saída do marido—uma carta sem outro conteúdo que num novo papel com o mesmo pó... Cocaína... O vicio! Quando o canalha fez os calculos de que o vicio escravizava a mulher apeteçida suspendeu bruscamente as secretas e quotidianas remessas. Ela ia enlouquecendo. Já não podia passar sem o alcaloide. Teve duplo sofrimento: o sofrimento da falta e de occultala ao marido, inquietado com a sua palidez, com o seu mal estar—heroicamente semi disfarçado, teve de ceder... O outro impunha um preço—para continuar a fornecer-lhe o maldito pó a entrega do seu corpo. Repugnada, revoltada, angustiada entregou-se para obter o veneno! E isto durava um anno. Mas o miseravel morreu! Ela não sabia nem podia obter mais cocaína. Havia já quem lhe offercesse pelo mesmo custo—mas ella não queria, não queria prosseguir aquelle caminho de tentação. Lem-

brar-se de mim... Se ao menos nada exigia em troca!

O meu amigo respirou fundo—e concluiu:

—É o maior remorso da minha vida. Tive escrupulos, neguei-me a essa simplicidade. Dei-lhe conselhos—como se conselhos podessem conter os impetos desse maldito vicio. Ela comprou o pó a quem o quiz vender a troco do seu corpo. Cstiu muito baixo. Perdeu todo o pudor... O marido pediu o divorcio no mez passado.

REPORTER X

Ler no próximo numero: «O Casaco de Peles da Madama Zuca»

Uma entrevista oportuna

Perez Domenech, escritor espanhol, descreve-nos o que são, por dentro, as republicas "meninas" da America



dia em Panama. Mal o seu chefe saiu da fronteira Gomez telegrafou-lhe uns seguintes termos: «Declaro que me elegi presidente, que reconheço todos

o Uruguay é de dos paizes mais avançados e cultos no mundo—nos outros os exercitos são compostos só de officiaes; ou melhor: de generais.



os seus bens, que se apparece porca sera fuzilado!»

«Mas o mais caricatural nesses paizes é o sentido que elles têm da

Todos os comerciantes, roceiros, agricultores, ricos, politicos influentes são generais. Tencos e alferees quasi que não existem. Soldados há meia duzia.



Da direita para a esquerda: Novais Teixeira, nosso correspondente em Madrid, o escritor Perez Domenech e o nosso redactor Guedes de Amorim

democracia. Respeitam-na?... Oh! Se a respeitam. São presidente 10, 20, 30 annos; só caem por uma revolução

—mas chama-se «presidentes» eleitos.

«Tem Parlamento com opposição—mas o Parlamento só faz o que elles querem. Quando se vai votar uma lei nova, o proprio governo é que nomeia o deputado da opposição para contrariar o projecto—mas contrariá-lo por meio dum discurso que esse mesmo governo dita.

«E os exercitos? Tirando a Argentina—que é um grande paiz cosmopolita, um paiz «europaeo-panguisado», com Buenos-Ayres—esse Paiz sem caracter e com um exercito formidable; o Chile; e o Mexico; Itdaer

Basta dizer que Venezuela no seu efectivo permanente tem dois generais para cada soldado de linha. As grandes massas militares são improvisadas nas revoluções... com civis, sem uniforme nem treino d'armas.

«Adaptando-me ao meio fiz o meu «Diario Español» com o máximo cuidado de não ferir Gomez. Revia-o de linha por linha. Mas mesmo assim, uma bela tarde vir a redacção invadida por janizeros de Gomez e fechando-me as portas ordenaram-me uma viagem para fora das fronteiras, em meo de 24 horas. E está com sorte—noticiem o chefe do grupo—por ser estrangeiro. Se fosse nacional era fuzilado.

«Mas porque? indagui: Nunca lancei qualquer ataque contra Gomez.» «E certo!», respondeu-me. «Nunca fui discutir com o governo — Também é verdade!» «Nesse caso—porque é que me expulsaram?» «Porque nunca elogiei Gomez; e aqui quem não elogia diariamente Gomez é como se o offendesse pessoalmente!» Por muito inverosmil que isso pareça o episodio é autentico—sobrio minha palavra d'honra.

«Como é admirada a America, a America abstrakte, a do Norte, entre esses paizes?»

«Como um inimigo! E em razão. Os Estados-Unidos vão, pouco a pouco asseioando-se das republicas do Sul e do Centro. Economicamente, há já alguns paizes que estão presos de corpo e alma á republica do cimento armado e dos cables loiros. Concorra para isto a verdadeira soberania estadual, a falta de control civico entre os que se encontram submetidos ás levianidades dum autocrata ou caudilho, como algumas das republicas que já lhe citei. A luta do nicaraguense, Somoza contra os americanos é simbólica. Parece-me que representa o mais forte estremo de dignidade continental de esta hora. Sandino é o D. Quixote americano arremetendo a sua lança contra os gigantescos navios de guerra do tio Sam»

«Palmas agora, sem as americanas prifiteiras, da guerra, de que viria a ser uma federação espirital iberica, assunto que, ultimamente, tem sido tão mal interpretado por espanhols e porta gueses. Perez Domenech, moçidade representativa da Espanha que sonha, que sonha com o dia de amanhã, informa-me...»

«Os meus compatriotas, os da minha idade, não têm plano algum de conquista... Não nos comandam desejos de palmas de terra nem no meu caso há a intenção de estabelecer mel ridianos literarios. Venho a Portugal para evitar a guerra, com o intuito de um amplo sentido de humanidade para entrar na minha revista «Belivar», na casa onde não cabem os politicos mas onde cabe a politica sem fronteiras.

«Termina a entrevista. No momento de despedida sou um abraço a Novais Teixeira e a Perez Domenech, como certificado de que as suas declarações eocaram dentro de mim e farão vibrar a moçidade de Portugal!

Novais Teixeira, um dos nossos jornalistas que melhor se sabe debruçar com oportunidade sobre todos os assuntos, um escritor de sensibilidade requintada e em corrida para novos estudos, que é hoje considerado o mais verdadeiro embaixador intelectual em Madrid, onde vive há muitos annos, entrou uma destas ultimas noites, na nosa redacção, para nos abraçar e para nos apresentar Perez Domenech, figura conhecida na grande avenida da literatura hispano-americana. Algumas palavras, apertos de mão, e Perez Domenech explica-nos, então, o motivo da sua vinda a Portugal. Sendo director, com o grande poeta Abril de Vivero, da revista «Bollivar», um novo cujo nome é olhado com importância por todas as Americas españolas, os seus olhos seguem, de lá muito, a renovação mental portuguesa.

Perez Domenech cujos olhos brilham e saltam como lampadas tocadas... por uma forte tempestade de torres, fala-me logo de entrada da America, da America-espanhola, para onde partiu pouco depois de se ter tornado um director na Universidade de Madrid e já tatanado de desilhões politicos. Assalta-me, então, o desejo de ouvir esta arrojada moçidade sobre a actualidade dessas republicas distantes. Domenech em palavras que, por vezes, lembram bandeiras de revolta, começa a falar.

«Passei cerca de três annos na America-espanhola. A minha estada nesses paizes ofereceu-me singulares visões dessas republicas—meninas, meninas, gigantes e ricas—terras de Espanha que voaram sobre o Atlantico e se foram para o novo mundo. Caracas—capital de Venezuela—é Granada, pensada para Lima—a capital do Peru—é Sevilla, Santiago, capital de Chile—era de pelos vasos—é Bilbao...»

«Episodios? São tantos e tão pittorescos! Por exemplo, Venezuela. Fico lá e não vivi mais tempo. Nenhum europeu pôde supor como se vive em Venezuela. Fundei em Caracas—a capital—um diário—o «Diario Español». Venezuela vive há muitos annos sobre o mando dum autentico imperador medieval—Gomez A forma como Gomez foi «eleito» presidente é muito curiosa. Caldeava-se Gomez era vice-presidente, humilde e humilde de um outro imperador, a quem ele acousou, por motivos de saúde, uma esta-

O que é o «Whitchapel» da alta finança em Portugal

(Conclusão da pag. 9)

«a publicar»... «E!!!»... «Não temes as consequencias—é a vingança?» — «Não!!!»

Um curto silencio. «Ele» ergueu-se tambem; ruia nervosamente as lumbas. Subito, numa metamorfose que me esteleceu, disse-me com a mais calma das vozes:

«... Oh...». É portuez que a Salvatella e João Chagas se referem, o que foi espia, o conjurado da «Whitchapel» e que vive ainda em

Madrid—eternamente cativa, de um janotismo pretencioso e florido de «novo-rico»—apparece no livro das memorias de João Chagas sob o nome de Guilherme Costa. Mas o seu verdadeiro nome é «Guilherme Oscar da Costa Blanc». O seu correspondente em Madrid, pode enviar-lhe informações completas sobre a actual existencia desse cavalheiro, na capital espanhola... (Dizendo isto vasculhava os bolsos, remechia na gaveta e por fim, entregando-me a palavra recordou dum jornal estrangeiro, acrescentando: Publique ao mesmo tempo este facto... Como vé— nada mais ingenho: dois elegantes surpreendidos pelo «kodak» do reporter na praia de Biarritz... Um deles é portuez—o outro é alemão.

Se estivessem em separado—nada significar. Mas juntos—juntos tem uma alta significação. É uma máscara de caiu... Publique-o. Sempre ha-de haver quem os reconheça—e então sera sensacional!»

«E poderei eu ao menos saber com quem tenho estado conversando? Inquiri, ao despedir-se.

«Para quê? Temi só contrar a agudeza da sua pupila me reconhecesse. Mas era quasi impossivel evocar atravez «isto» que aqui está «aquilo» que eu fui. E contudo há dez annos ainda tomamos café juntos na «Brazilera» — quando o pobre Almas Lacerda, que já lá está, nos apresenta; e mais recentemente ainda, em 1925, em Paris, tomamos á mesma meza o nosso «vemuth...»

Ah! Não se cance. É impossivel lembrar-se... Eu era... muito differente... Mas que quer? Quem nunca culpabilidade de ignominia e traição á «Whitchapel» sofre sempre o castigo—um castigo cruel, feroz... O meu... foi ficar assim. Tenha cuidado, muito cuidado! Adeus!»

E cismando nele—reflicta em suas palavras... «Tenha cuidado de... Eles vingam-se... Seipor experiencia...» Os senhores ficam avisados... Se me virem com o fato enxadrezado de remendos, a barba de semanas, saltao cambado—estendendo de estremo a estremo á cartada publica é porque... já fui castigado. Espero que nessa occasião os leitores não me reusarem uns toques de esmola... R. X

GRANDE HOTEL DA BATALHA COMPLETAMENTE RENOVADO Magnificas instalações
 Serviço de mesa primoroso
Manuel Ferraz & C.ª L.ª HIGIENE E CONFORTO ESPLENDIDA SALA DE JANTAR
 PRAÇA DA BATALHA PORTO TELEFONE. 1247

Manoel Joaquim Barbosa
 PAPEIS, ARTIGOS
 GRAFICOS, COMISSÕES E
 CONTA PROPRIA
 TELEFONE, 5039
 Rua da Picaria, — 37 PORTO

Visite V. Ex.ª o
Hotel Restaurant Pinto Bessa
 Rua da Estação, 56-PORTO-Tel. 4524
 Instalações modernas—Quartos com todo e
 conforto e higiénico—Quarto de banho em to-
 dos os andares—Permanente serviço de res-
 taurant—Preços módicos—Visitação e
 preferê-
 Proprietario LUIZ CORREIA.

Café Concerto Primavera
 Travessa da Picaria, 28
 O maior Salto Dancing do Porto.
 Todas as noites novas variedades
 "soirées"
 SERVIÇO DE RESTAURANTE E GABINETES
 ABERTO TODA A NOITE

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES
 DE PREDIOS
 Especialidades em pinturas
A. R. Carvalho
 Construtor civil diplomado
 Rua da Picaria, 8—PORTO

Visitar a **Rainha das Meias** é preferi-la pelas suas últimas novidades Angulo das Ruas | S.ta CATARINA PORTO e FORMOSA | Telefone, 67

Victoria Café
 P. Guilherme Gomes Fernandes, 66
BAR
 Galeria de Paris, 109—PORTO
 mais confortavel
 mais completo
 mais higienico
 Grande exito de todas as noites
 Fados pela cantratriz LEONOR
 FIALHO
 Explendidos saloes de Jogos, Bilhares
 e Ping-Pong
 Pequenos almoços, Lanches
 Comentos todos os dias das 12 horas
 em diante

Nicolau Ferraz
 HESPAÑHA FRANÇA BRASILE
PASSAPORTES
 E
 AMERICA DO NORTE
 AGENTE NO NORTE
 da United States Lines
 Telefone, 762
 Rua do Loureiro, 60, 62—PORTO

E' caro? E'! Mas no
ESCONDIDINHO
 Come-se, porque o
ESCONDIDINHO
 é quem melhor serve.
 A sua cozinha, os seus mé-
 nus, os seus serviços, os seus
 talheres, os seus vinhos são
 celebres e não tem rival.
Rua Passos Manuel—Porto

PATHE Sequer adquirir um gramofone não compre da primeira marca que lhe apresentem **PATHE**
 Discos portugueses de: VIANA DA MOTA, e imminente pianista, e de CARVALHO OLIVEIRA, o rouxinol do norte
 EXIJA a audição de um disco Escolha á sua vontade
 As ultimas novidades em discos semanalmente recebidos de PARIS
 Avenida da Liberdade, 141.º—LISBOA Telephone, 3678 **CASTELO LOPES L. DA** Rua das Fontainhas, 20910—PORTO Telephone 2004

MAQUINAS FOTOGRAFICAS
DANIEL AUGUSTO BENTO
 A pagamentos semanais de 10\$00
 com sorteio pela lotaria de Lisboa
FOTO-ESTRELA POLAR
 62-Rua de Santa Catarina-64
 TELEFONE, 2158 PORTO

Bazar Electro
-Fotografico
 Rua da Passos Manuel, 12
Artigos fotograficos

VIZITE O CLUB RITS
 R. Fernandes Tomaz, 817
PORTO
 Explicanda orquestra "ZAZZ"
 "A CAÇÃO NACIONAL" pelos mais
 afamados CANTORES DO PORTO
 e LISBOA
 Mo-ficida e de preços

V. Ex.ª Deseja comprar barato?
 Elegante? Na ultima moda?
 EXPERIMENTE E VERAS!
SAPATARIA LAGES
 Rua Santo Ildefonso, 20—PORTO
DR. VILAS BOAS NETO
 Doenças de pele e sifilíticas
RUA FORMOSA, 123—PORTO

SABÃO CASTELO
 O melhor produto para tirar nodos
 PREÇO 1\$00
 Há venda em todas as Drogarias

"GARANTIA"
 COMPANHIA DE SEGUROS
 (FUNDADA EM 1892)
 Capital total aliado Esc. 1.000.000\$300
 Reservas em 31 de Dez. mbro de 1927
 Esc. 604.304\$23
 Os segurados da "GARANTIA" devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lites pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma sé. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a "GARANTIA" tem a es-
 cudo á seu passivo.
S E D E
 Rua Ferreira Borges, 37—PORTO
 (ESTABELECIMENTO PRINCIPAL)
DELEGAÇÃO CENTRAL
 Praça da Liberdade, 13 e 14
 Casa Bissaya Sousa, Cruz e Cia, Lda
DELEGAÇÃO EM LISBOA
 Rua de S. Julião, 63 e 71
 (ESTABELECIMENTO PRINCIPAL)

AGENCIA "A PORTUENSE"
 (Das mais antigas de Parigal)
 Passagens e Passaportes
Honestidade e competência
 Fornece-se todos os esclare-
 cimentos por correspondência,
 aquem os pedir
 Telefone, 123
 Rua do Corpo da Guarda, 15
PORTO

Escudos 3\$00
 20 SEMANAS
 Os melhores e mais chicis
 Chapéus a prestações com bonus
 Inscreva se já para esta semana por
 apresentação ou conhecimento
 terá um bom chapéu
 no acto da inscrição
Chapelaria Portela
 Telefone 1776
 Praça dos Poveiros, 80-PORTO

CELHO DA COSTA
AGENTE OFICIAL
 trata de todos os documentos e tira
 passaportes para o Brazil, França
 etc, e vende passagens em to-
 das as classes tanto para
 embarcar em Leixões
 como em Lisboa
 Escrever ou falar para a
 RUA CHÁ, 129-132—PORTO
 TELEFONE | Agencia 1412
 Residencia 2187